



A INFLUÊNCIA DA PRODUTIVIDADE NOS LAPSOS DE FALA MORFOLÓGICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

ANA PAULA SCHER* | STELA TERRIBILE GARBUGIO**

RESUMO

Este artigo explora a relação entre a produtividade de regras gramaticais e a ocorrência de lapsos de fala caracterizados como fonológicos, morfológicos e gramaticais. Partindo da observação de um tipo de lapso no português brasileiro, nomeadamente aquele que envolve a produção de formas de primeira pessoa do singular do presente do indicativo de verbos de terceira conjugação, investigamos a interferência da produtividade de regras específicas da derivação de formas verbais desse paradigma na ocorrência desse lapso. Pautadas pelas propriedades do fenômeno de harmonia vocálica, produtivo no contexto mencionado acima, já descritas na literatura (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004; SCHWINDT; QUADROS, 2009; etc.), bem como pelos pressupostos do modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), sugerimos que o lapso ocorre em contextos de aplicação de regras de baixa produtividade e reflete a tentativa do falante de seguir padrões regulares e mais produtivos da língua.

Palavras-chave: lapsos de fala, produtividade, harmonia vocálica, Morfologia Distribuída

ABSTRACT

This article explores the relationship between the productivity of grammatical rules and the occurrence of slips of the tongue characterized as phonological, morphological and grammatical. By observing and discussing one type of error in Brazilian Portuguese, which specifically involves the realization of the first person singular forms of the present indicative of third conjugation verbs, we investigate the relationship between such error and the productivity of grammatical rules which are expected to specifically apply to that paradigm. Based on the properties of the vowel harmony phenomenon, very productive in that context, and already fully described in the literature (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004; SCHWINDT; QUADROS, 2009; etc.), as well as on the assumptions of the Distributed Morphology model (HALLE; MARANTZ, 1993), we suggest that the slips of the tongue occur in contexts of low productive grammatical rules and reflect an attempt by the speaker to follow regular and more productive patterns of the language.

Keywords: slips of the tongue, productivity, vowel harmony, Distributed Morphology

* Universidade de São Paulo, USP. Professora Livre-Docente, Pesquisadora do CNPq, com Bolsa de Produtividade, processo: 307481/2020-4, e-mail: anascher@usp.br.

** Universidade de São Paulo, USP. Pesquisadora em nível de Iniciação Científica, e-mail: stelaterribile@usp.br.

O manuscrito referente a este artigo foi avaliado por dois(duas) pareceristas anônimo(a)s, que nos trouxeram questões pertinentes e muito relevantes para a continuidade da pesquisa. Nossos agradecimentos a esse(a)s dois(duas) especialistas. Todas as questões colocadas foram observadas e/ou incorporadas ao texto, o que resultou em sua maior qualidade em relação ao original. Os problemas remanescentes são de nossa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo representa os resultados da primeira parte do desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica intitulado *Investigando as relações entre produtividade e lapsos de fala*, sobre a relação entre erros de fala e produtividade de regras gramaticais. O projeto prevê a investigação da ocorrência de três tipos de erros: i) a ocorrência de harmonia vocálica em formas de primeira pessoa do singular do presente do indicativo (1.sg.Pres.Ind) de verbos de terceira conjugação do português brasileiro (PB) que, a rigor, não devem exibir esse processo fonológico, ii) a realização de formas de primeira pessoa do singular do pretérito perfeito de verbos de segunda e terceira conjugações com afixos pertinentes a verbos de primeira conjugação¹; iii) a produção de nominalizações com sufixos nominalizadores inesperados para o contexto relevante².

Aqui, nos concentraremos apenas no primeiro tipo de lapso³, que pode ser exemplificado como em (1) e (2):

- (1) — E se inscreve no canal, por favor... tem que ficar um monte de like, por favor...
— Por favor?
— Uhum... eu pido... eu peço.⁴
- (2) Eu *mido*.

(ESPADARO, 2018, p. 181)

O que discutiremos, portanto, a partir da observação de um tipo de lapso no PB, nomeadamente aquele que envolve a produção de formas de 1.sg.Pres.Ind. de verbos de

1 Como em *Eu quase morrei* ou em *Eu não tou nervosa, é que eu não comei* (ESPADARO, 2018, p. 181-182).

2 Como em *Eu fui no barbeador* (ESPADARO 2018, p. 179), para *Eu fui no barbeiro* ou *O contorno afetivo dessa narração* ou *nomenclatura* (coletados pelas autoras), para *O contorno afetivo dessa narrativa e nomenclatura*, respectivamente.

3 Na avaliação deste trabalho, um(a) do(a)s pareceristas, a quem agradecemos, questionou até que ponto seria possível afirmar que (1) e (2) são propriamente lapsos e não formas usadas numa variante não padrão. A pergunta é relevante considerando-se, principalmente, que, nas palavras do(a) parecerista, “lapso, em princípio, não se confunde com variante linguística; é decorrente de uma falha no sistema, falha essa que ocorre no processamento linguístico. Assim, trata-se de uma ocorrência esporádica na fala de um indivíduo”. Sua resposta, entretanto, ainda não se inclui nos resultados deste trabalho, que é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica. Por outro lado, a questão não foi ignorada. Em nossa tarefa de buscar a sua resposta, ainda em desenvolvimento, estamos levando em consideração as formas dos paradigmas verbais que, em princípio, derivam da forma de 1.sg.Pres. Ind., tais como as formas do paradigma de subjuntivo presente. Seria natural esperar que uma forma variante nesse contexto de 1.sg.Pres.Ind. desencadeasse o mesmo tipo de variação nas formas de presente do subjuntivo — ex. *que eu pida, que nós pidamos*, etc. —, o que não parece ser o caso. Evidentemente, será necessário analisar detalhadamente os fatos relevantes em pesquisa futura. Outra via de análise será a observação de paradigmas de verbos como *sorrir*, com a vogal média-alta posterior na raiz, em que a harmonia vocálica não se realiza, para verificar se, também nesse caso, a questão sobre variação poderá ser colocada. De qualquer modo, ressaltamos, mais uma vez, a relevância da questão e agradecemos pela instigante discussão que dela resultou.

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVBF2boSpt4>. *Deixa seu like*, eu pido. Aventuras de Pedro Henrique.

terceira conjugação dessa língua, serão os mecanismos em funcionamento na arquitetura da gramática no momento em que falhas como (1) e (2) ocorrem nesse sistema. Nossa intenção é verificar se há interferência da produtividade de regras específicas para a derivação de formas verbais dos paradigmas relevantes na ocorrência desse lapso. Ou seja, queremos determinar se o falante se guia por questões de produtividade morfológica e de que maneira os recursos da faculdade da linguagem são utilizados na produção desse lapso.

Com essa discussão, mostraremos que os pressupostos do modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; e trabalhos subsequentes) também são substanciais para a explicação dos lapsos de fala, uma vez que eles nos permitem sugerir o que acontece na gramática do falante quando ele comete um lapso, possibilitando, conseqüentemente, o estabelecimento de uma relação entre o contexto de produção do lapso e sua respectiva produtividade.

O texto se organiza da seguinte maneira: na seção 2, discutimos a relação entre erros de fala e Teoria da Gramática, de acordo com as visões de autores como Dell e Reich (1980), Fromkin (1971, 1973), Chomsky (1980) e Pfau (2009), para, em seguida, na seção 3, apresentarmos ao leitor o que a literatura já descreve sobre o fenômeno da harmonia vocálica e sobre a defectividade no sistema verbal do PB, abordando questões de produtividade para esses padrões de 2ª e 3ª conjugações. A seção 4 explicita brevemente o modelo da Morfologia Distribuída que fundamenta a análise que desenvolveremos aqui, enquanto a seção 5 aborda questões relacionadas à produtividade de regras gramaticais e à possibilidade de que contextos mais produtivos gramaticalmente desencadeiem mais facilmente a produção de erros de fala no PB, pelo menos os do tipo que escolhemos tratar aqui. A seção 6, finalmente, tece algumas considerações finais.

2 OS ERROS DE FALA E A TEORIA DA GRAMÁTICA

Dell e Reich (1980) apontam que a melhor forma de se determinar o *design* de um sistema é observar o que acontece quando esse sistema falha. Considerando-se, portanto, a língua como um organismo sistemático, os lapsos de fala, interpretados como fenômenos que resultam do desempenho linguístico do falante, representam, precisamente, o momento em que esse sistema falha. Dessa forma, a investigação sobre eles pode nos levar a conhecer o *design* da arquitetura da gramática.

Segundo Fromkin (1971, 1973), os lapsos têm sido estudados por razões distintas: são analisados como fonte de mudanças linguísticas ou como meio de compreensão dos reais mecanismos do processo de produção de fala. Também são usados para entender repressões psicológicas e — uma motivação mais diretamente relacionada ao que nos interessa mais de perto — para mostrar a realidade de regras e unidades fonológicas, bem como a relação entre competência linguística e *performance*.

Uma análise de erros de fala fornece evidência para a realidade psicológica de conceitos da teoria linguística tais como traços distintivos, restrições sobre estruturas morfológicas, formas abstratas subjacentes, regras fonológicas e traços sintáticos e semânticos. Além disso, esses erros revelam que o desempenho linguístico é fortemente regido por regras, e que, em muitos casos, são as regras gramaticais que restringem ou monitoram a produção real de fala. (FROMKIN, 1971, 1973, tradução nossa)⁵

Nesse mesmo sentido, Chomsky (1980, p. 200, tradução nossa), retomado em PfaU (2009, p. 6), já dizia que “evidências relativas à produção, reconhecimento, lembrança e uso de língua em geral podem influenciar a investigação das regras da gramática, no que às vezes é chamado de ‘competência gramatical’ ou ‘conhecimento da linguagem’”.⁶ PfaU (2009) aponta, então, que os erros de fala são de interesse para o linguista que aceita que o mecanismo de processamento reflete regras gramaticais e completa afirmando que “(...) análises psicolinguísticas robustas de dados de erros só se fazem com o suporte de hipóteses significativas sobre a estrutura, ou seja, a gramática, da língua em questão” (PFAU, 2009, p. 6, tradução nossa).⁷

Dessa forma, faz sentido o viés adotado nesta pesquisa, em que abordaremos, especificamente, o que Espadaro (2018) define como lapsos de fala fonológicos, morfológicos e gramaticais. Nosso objetivo é a compreensão de alguns dos processos flexionais do módulo morfológico que compõe a arquitetura da gramática ou, em outros termos, a faculdade da linguagem humana. Espadaro descreve cinco tipos de lapsos de fala, como a seguir:

- a) lapsos semânticos: são aqueles em que palavras são trocadas por outras semanticamente semelhantes. Essas trocas podem ser acompanhadas de diferentes relações semânticas, como antonímia, co-hiponímia, relação parte pelo todo, entre outras;
- b) lapsos fonológicos: são resultado da proximidade sonora entre as palavras trocadas, facilitando a ocorrência de um deslize;

5 No original: “An analysis of speech errors provides evidence for the psychological reality of theoretical linguistic concepts such as distinctive features, morpheme structure constraints, abstract underlying forms, phonological rules, and syntactic and semantic features. Furthermore, such errors reveal that linguistic performance is highly rule-governed, and that in many cases it is grammatical rules which constrain or monitor actual speech production” (FROMKIN, 1971, 1973).

6 No original: “evidence concerning production, recognition, recall, and language use in general can be expected (in principle) to have bearing on the investigation of rules of grammar, on what is sometimes called ‘grammatical competence’ or ‘knowledge of language’” (CHOMSKY, 1980, p. 200).

7 No original: “This, in turn, implies that meaningful psycholinguistic analyses of error data can only be made against the background of significant hypotheses concerning the structure, that is, the grammar, of the language in question” (PFAU, 2009, p. 6).

- c) *blends*: representam fenômenos de sobreposição ou apagamento entre duas palavras;
- d) lapsos gramaticais: são aqueles que envolvem traços gramaticais das palavras, tais como número, gênero e pessoa, que são afetados, gerando, normalmente, sentenças com erros de concordância;
- e) lapsos morfológicos: são aqueles em que o segmento afetado envolve um morfema, tal como uma raiz, um prefixo ou um sufixo.

O foco deste estudo recairá sobre erros que representam uma conjunção das propriedades dos lapsos fonológicos, morfológicos e gramaticais, que envolvem segmentos fonológicos, morfemas e traços gramaticais, seus resultados desviando, desse modo, da palavra ou sentença pretendida pelo falante, como exemplificamos em (1) e (2).

3 HARMONIA VOCÁLICA E DEFECTIVIDADE NO SISTEMA VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES DE PRODUTIVIDADE PARA PADRÕES DE 2ª E 3ª CONJUGAÇÕES

Nesta seção, abordaremos brevemente o fenômeno fonológico da harmonia vocálica, bem como a defectividade entre os verbos no PB, fenômenos que atingem, em geral, verbos das segunda e terceira (mais particularmente dessa última) conjugações.

A harmonia vocálica promove a “concordância entre a altura da vogal acentuada da raiz e a altura da vogal temática na primeira pessoa do presente do indicativo e em todas as formas do presente do subjuntivo” (SCHWINDT; QUADROS, 2009). Exemplos desse fenômeno vêm de paradigmas de verbos como *servir* e *progredir*, de terceira conjugação. Na primeira pessoa do presente do indicativo, em vez de conservarem a vogal radical média [e], conjugam-se como *s[í]rvo* e *progr[i]do*, realizando o espriamento do traço de altura entre a vogal temática alta [i] e as vogais radicais médias [e].

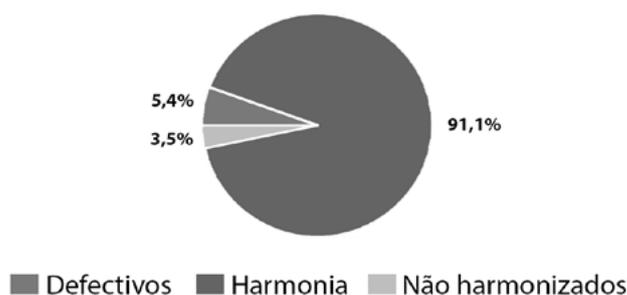
Essa regra de alteamento da vogal radical média parece ser bastante produtiva nos verbos de terceira conjugação do PB. A observação de formas verbais de primeira pessoa do presente do indicativo de verbos como *ferir*, *refletir* e *seguir*, com vogal radical média anterior, além de *cobrir*, *dormir* e *engolir*, com a vogal radical média posterior, torna evidente a aplicação da regra, uma vez que todas empregam o processo de alçamento da vogal radical nos contextos relevantes.

- | | | | | |
|-----|----|------------------------------|----------------------------------|--------------------------------|
| (3) | a. | ferir / firo | refletir / reflito | seguir / sigo |
| | b. | cobrir / cubro | dormir / durmo | engolir / engulo |

Como apontaram Schwindt e Quadros (2009), enquanto 91,1% dos verbos dicionarizados de 2ª e 3ª conjugações do PB (padrões *e/o-er* — *dever*, *comer* — e *e/o-ir* — *sentir*, *tossir*) passam por harmonização vocálica nos contextos de primeira pessoa do presente do indicativo

e de todas as formas do presente do subjuntivo, 5,4% desses verbos são defectivos, não realizando fonologicamente essas mesmas formas, e outros 3,5% não exibem harmonia vocálica nesses contextos (Figura 1).

**FIGURA 1 — HARMONIA VOCÁLICA NOS VERBOS DICIONARIZADOS
SOMENTE PADRÕES E/O-ER E E/O-IR**



Fonte: Schwindt e Quadros (2009, p. 63).

Ocorre que verbos como *pedir* e *medir*, dos exemplos (1) e (2), respectivamente, estão entre os 3,5% de verbos que não harmonizam a vogal radical média nos contextos já descritos, realizando, por exemplo, as formas de 1.sg.Pres.Ind. como *peço* e *meço*. Portanto, o comportamento esperado para as formas de 1.sg.Pres.Ind., e para todas as suas formas do presente do subjuntivo é diferente do esperado para a maioria dos verbos de terceira conjugação e, como mostram os números, muito pouco produtivo. Dentro desse pequeno grupo de verbos que não exibem harmonia vocálica, os autores identificaram os seguintes padrões fonotáticos:

- (4) a. verbos que exibem as consoantes [d] ou [t] antes da vogal temática.
- b. verbos que exibem a consoante [d] antes da vogal temática e que alternam essa consoante para [s] na primeira pessoa do presente do indicativo;
- c. verbos que exibem a consoante [ʒ], antes da vogal temática.

(SCHWINDT; QUADROS, 2009, p. 64)

Schwindt e Collischonn (2004) observam a tendência de aplicação da elevação da vogal anterior média [e], em posição pretônica seguida da vogal anterior alta [i], tendo como recurso um *corpus* constituído de dados das três capitais da região sul do Brasil — Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Seu interesse são as formas verbais, e principalmente aquelas em que a vogal alvo da elevação está na raiz do verbo e o segmento que serve de gatilho para a realização desse fenômeno está no sufixo verbal, exatamente o caso dos verbos *medir* e *pedir*, cujas formas de 1.sg.Pres.Ind. são alvo da nossa pesquisa.

Os autores apontam que as amostras das cidades de Porto Alegre e Florianópolis sugerem que os verbos de terceira conjugação do português favorecem a harmonia vocálica em 83% dos casos para a capital gaúcha, e em 72% dos casos, para a capital catarinense, contra 44%

dos casos, no máximo, considerando-se a primeira e a segunda conjugações nas duas cidades (Tabelas 1 e 2):

TABELA 1 — CONJUGAÇÃO VERBAL PARA /e/ EM PORTO ALEGRE

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
I <i>divertir</i>	86/103	83	0,85
A <i>retirar</i>	41/93	44	0,66
E <i>parecido</i>	40/148	27	0,17
Total	167/344	49	
INPUT 0,50			

Fonte: Schwindt e Collischonn (2004, p. 76).

TABELA 2 — CONJUGAÇÃO VERBAL PARA /e/ EM FLORIANÓPOLIS

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
I <i>divertir</i>	105/146	72	0,82
A <i>retirar</i>	27/105	26	0,64
E <i>parecido</i>	85/224	38	0,22
Total	217/475	46	
INPUT 0,44			

Fonte: Schwindt e Collischonn (2004, p. 76).

Por sua vez, a amostra de Curitiba não permite sugerir a relevância da variável *conjugação*, uma vez que os resultados mostram pouca distinção entre o total de ocorrências de elevação entre as três conjugações (Tabela 3).

**TABELA 3 — CONJUGAÇÃO PARA /e/ EM CURITIBA
(VARIÁVEL NÃO FOI SELECIONADA)**

	Aplic/Total	%	Peso Relativo
I <i>divertir</i>	77/119	62	0,53
A <i>retirar</i>	65/117	55	0,57
E <i>parecido</i>	63/130	48	0,41
Total	204/366	56	
INPUT 0,54			

Fonte: Schwindt e Collischonn (2004, p. 77).

As três amostras comparadas sugerem, ainda, uma tendência ao uso moderado da elevação da vogal pretônica no contexto verbal, "(...) com índices inferiores a 50%, ainda

que se observe um crescimento no uso da regra, à medida que nos afastamos do extremo sul do país.” (SCHWINDT; COLLISCHON, 2004, p. 75).

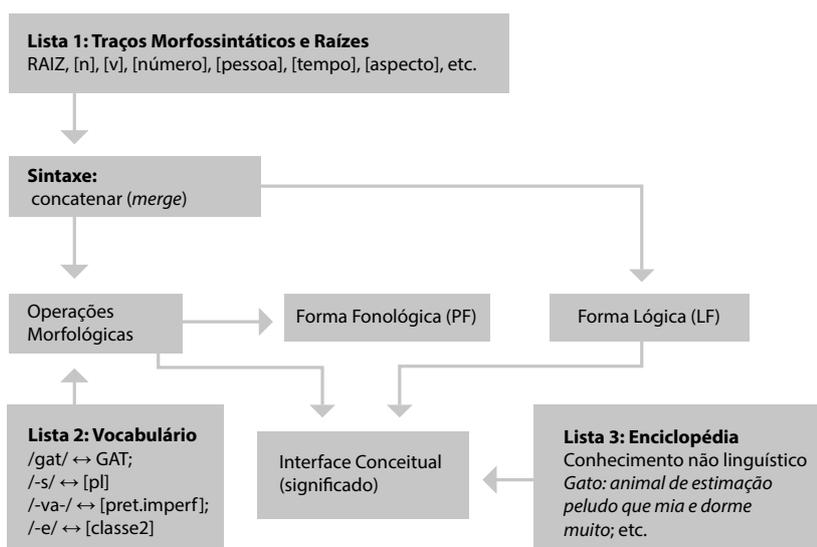
Para falarmos também brevemente da defectividade, em particular, do que se relaciona a questões de produtividade gramatical nesse fenômeno, vamos tomar verbos como *precarver* e *feder*, além de *abolir*, *banir* e *competir*, de segunda e de terceira conjugações, respectivamente. Esses são verbos cujos paradigmas geram formas inefáveis para a 1.sg. Pres.Ind. (**eu precavejo*, **eu fedo*, **eu abolo*, **eu bano*, **eu compito*), bem como para as formas que derivam dela nos paradigmas relevantes (**que eu precaveja*, **que eu feda*, **que eu abola*, **que eu bana*, **que eu compita*). Por esse motivo, são considerados defectivos⁸.

De acordo com Halle (1973) e muitos outros trabalhos subsequentes sobre defectividade nas línguas naturais, os paradigmas defectivos são característicos de contextos não produtivos. Isso é, de fato, o que ocorre no PB, em que os paradigmas defectivos se limitam aos verbos de 2ª ou 3ª conjugações: como membros da 2ª e da 3ª conjugações verbais do PB, os verbos indicados no parágrafo anterior pertencem a um contexto menos produtivo do sistema verbal dessa língua. Ou seja, não se formam novos verbos dentro dos limites dessas conjugações nessa língua. Na seção 5, estabereceremos essa mesma relação entre a ocorrência da harmonia vocálica em formas de 1.sg.Pres.Ind e a produtividade do contexto em que isso se verifica.

4 LAPSOS DE FALA E MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída (doravante MD) opera como um modelo de produção linguística, que se propõe a explicar a formação de palavras e sentenças a partir da sintaxe como único componente gerativo da gramática (Figura 2).

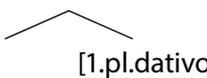
FIGURA 2 — REPRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA DA GRAMÁTICA EM MD



Fonte: Adaptado de Silva e Medeiros (2016, p. 112).

⁸ Scher e Girardi (2020) têm uma análise para este fenômeno desenvolvida com base no modelo da MD, que sugere que a forma de 1.sg.Pres.Ind. resulta inefável por causa de dois fatores principais: a combinação de traços morfossintáticos relevantes e a existência de uma raiz alomórfica, que se realiza como um ZERO fonológico.

Nessa proposta, a derivação de palavras e sentenças se dá na sintaxe, que opera com o material que compõe a Lista 1, uma lista não gerativa, que contém raízes e traços morfossintáticos, tais como categorizadores e morfemas funcionais (cf. Figura 2). Sem conteúdo fonológico, tais traços são manipulados pela sintaxe, que gera derivações sintáticas cujos nós terminais serão tardiamente associados a alguma fonologia (inserção tardia) pelos componentes da Lista 2, denominada Vocabulário. Esses componentes são os itens de vocabulário (IVs). Trata-se de regras fonológicas que associam informações dessa natureza aos nós terminais abstratos gerados pela sintaxe. Durante o processo de inserção de vocabulário, os IVs competirão entre si para decidir qual deles ocupará o nó relevante: os traços especificados para os IVs são comparados aos traços que caracterizam o nó terminal abstrato. O IV especificado mais o maior número de traços coincidentes com os traços no nó terminal será inserido. Em (5), representamos a caracterização dos IVs *me*, *lhe* e *nos*, da Lista 2, e a competição entre eles para inserção fonológica no nó terminal: [1.pl.dativo]:

(5)	Nós terminais sintáticos (morfemas abstratos)	Candidatos (IVs)
	 [1.pl.dativo]	<i>me</i> ↔ [1, -pl, dativo] <i>lhe</i> ↔ [-pl, dativo] <i>nos</i> ↔ [1, +pl, dativo]

Entre os candidatos, o clítico dativo *nos* vence a competição por ser compatível com mais traços do nó terminal.

À estrutura formada na Lista 2 associam-se conteúdos dependentes do que o falante tem registrado na Lista 3, também chamada de Enciclopédia. Essa lista armazena o conhecimento de mundo do falante, compondo-se, portanto, de traços semânticos idiossincráticos e particulares que atribuirão significado às expressões ou palavras formadas pelos componentes sintático e pós-sintático.

Será a partir desse viés que abordaremos a produção dos lapsos de fala, tais como os apresentados em (1) e (2). Isso já foi feito em Pfau (2009) para dados do alemão e em Esparado (2018) para dados do PB. Pfau analisou erros de fala que ele classificou como i) erros de antecipação ou perseveração semântica, ii) erros envolvendo incompatibilidade de traços, iii) erros envolvendo o abandono ou alternância de traços abstratos, além de iv) erros envolvendo acomodação⁹. Por sua vez, Esparado (2018), classificou os erros de fala do PB como indicamos na seção 2. Entre as classes propostas pela autora, podemos pensar que os erros em (1) e (2) representam uma conjunção das características dos erros fonológicos, morfológicos e gramaticais e essas serão características relevantes para o tratamento que ofereceremos para os nossos exemplos na seção 6.

⁹ Para mais detalhes sobre a classificação proposta pelo autor para os erros de fala do alemão, consultar Pfau (2009, p. 9-20).

5 PRODUTIVIDADE E OS LAPSOS DE FALA

As observações sobre os contextos de ocorrência dos lapsos exemplificados em (1) e (2), feitas na seção 2, com base em Schwindt e Collischonn (2004) e Schwindt e Quadros (2009) são relevantes já que se trata de ambientes tomados como pouco produtivos: os verbos *medir* e *pedir* são de terceira conjugação verbal e, dentro desse grupo, apresentam um comportamento bastante singular em relação à imensa maioria dos verbos dessa conjugação. Ou seja, a expectativa é que as formas de 1.sg.Pres.Ind desses dois verbos representem o que há de menos produtivo (3,5%, cf. Figura 1) entre as regras pertinentes a uma classe de verbos que, por si só, já é bem pouco produtiva, nomeadamente, a manutenção da vogal anterior média-baixa da raiz — *meço* e *peço*. No entanto, a forma do lapso reflete a aplicação da harmonia vocálica — *mido* e *pido*, uma regra bem mais produtiva (91,1%, cf. Figura 1) que a esperada.

A observação desses lapsos pode ser determinante para a identificação dos efeitos da produtividade morfológica nessas ocorrências. O que se percebe nesses casos é que o lapso parece derivar de uma tentativa, por parte do falante, de manutenção de um padrão mais produtivo da língua. Assim, em (1) e (2), o falante produziria esses lapsos, ao seguir o padrão produtivo de harmonização vocálica verificado em *divertir* – *divirto*, *mentir* – *mintto*, *seguir* – *sigo*, *sentir* – *sinto*, *servir* – *sirvo*, etc. (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004; GARCIA et al., 2008; SCHWINDT; QUADROS, 2009), evitando a regra menos produtiva que leva às formas *meço* e *peço*.

A noção de produtividade que está sendo aqui utilizada remete à definição que Yang (2016) postula como a capacidade de formação de novas palavras a partir de uma regra já existente na língua. Essa concepção torna-se clara com o clássico exemplo do *wug-test* (BERKO, 1958), em que crianças são submetidas a um experimento em que precisam completar frases como (6):

- (6) This is a WUG. Here is another one. These are two _____.
WUGS.

Quando as crianças respondem a testes como esse, elas indicam relações entre diferentes regras na língua, assim como entre regras produtivas ou improdutivas. No caso em (6), a resposta *wugs* evidencia a regra do plural em *-s* em inglês como produtiva, uma vez que foi aplicada em um contexto novo, como regra *default*. Será a partir desse discernimento de produtividade que investigaremos a relação entre os lapsos de fala e os contextos potencialmente mais ou menos produtivos em que ocorrem.

Os casos de *eu mido* e de *eu pido* podem ser examinados através da óptica da regra produtiva de harmonização vocálica dos verbos de terceira conjugação do PB. Constituindo o grupo de verbos de terceira conjugação que não exibem harmonização vocálica e que seguem o padrão fonotático descrito em (4b)¹⁰, espera-se que *medir* e *pedir* flexionem-

¹⁰ Verbos que exibem a consoante [d] antes da vogal temática e que alternam essa consoante para [s] na primeira pessoa do presente do indicativo.

se na primeira pessoa do presente do indicativo como *meço* e *peço*, respectivamente. No evento do lapso, no entanto, não é isso que se verifica: a nossa hipótese é a de que a produção de *mido* revela uma tentativa do falante de seguir um padrão produtivo e já existente da língua, qual seja, o de harmonizar a vogal média anterior do radical [e] nos contextos relevantes, gerando [i].

Nossa proposta de análise, sob a perspectiva da MD, é a de que esses lapsos têm a ver com a escolha da fonologia adequada para a inserção de vocabulário nas raízes abstratas dos verbos *medir* e *pedir*¹¹. Os verbos *medir* e *pedir* derivam das raízes $\sqrt{\text{MED}}$ e $\sqrt{\text{PED}}$, respectivamente. Essas raízes entram na derivação sintática sem identificação fonológica, mas recebem, tardiamente, material fonológico para realizá-las. Podemos supor que elas podem ser realizadas de várias maneiras diferentes, a depender do contexto morfossintático em que se inserem (*medimos* /med/, *meço* /mes/, *mede* /med/, *pedimos* /ped/, *peço* /pes/, *pede* /ped/). Estamos diante, portanto, de dois casos de alomorfa de raízes. Para *medir*, a Lista 2 disponibiliza os IVs relevantes, entre os quais destacaremos /med/ e /mes/, descritos como (7a,b). Por sua vez, para *pedir*, por sua vez, os IVs destacados serão /ped/ e /pes/, descritos como (8a,b).

- (7) a. /mes/ ↔ [$\sqrt{\text{MED}}$, 1.sg.Pres., v]¹²
 b. /med/ ↔ [$\sqrt{\text{MED}}$, v]

- (8) a. /pes/ ↔ [$\sqrt{\text{PED}}$, 1.sg.Pres., v]
 b. /ped/ ↔ [$\sqrt{\text{PED}}$, v]

Desse modo, o falante, ao produzir *mido* ou *pido*, opta pelo padrão mais produtivo e mais sistemático do paradigma dos verbos de terceira conjugação, escolhendo os IVs em (7b) e (8b), respectivamente, que, posteriormente, têm suas vogais médias altas anteriores [e] harmonizadas com a vogal temática de terceira conjugação [i].

Chama atenção, também, a ocorrência do lapso em (9a), registrado em Espadaro (2018), em que o falante usa a forma *pedo* em substituição à *peço*, registrada em (9b) e prevista pelo padrão fonotático descrito em (4b) para as formas que não passam por harmonização vocálica:

- (9) a. Eu *pedo* na prima.
 b. Eu *peço* na prima

(ESPADARO, 2018, p. 180-181)

11 A análise que estamos propondo requer que assumamos a posição de que as raízes não têm fonologia desde o início da derivação sintática. Dentro do modelo da MD, essa é uma discussão extremamente atual e pertinente, mas que não cabe no escopo deste trabalho. Conferir o trabalho intitulado *On the identity of roots*, de Harley (2014), assim como todos os outros constantes da mesma publicação.

12 Os IVs em (7a) e (8a) são especificados apenas para o tempo presente, sendo subespecificados para modo, o que permite a sua inserção tanto no indicativo como no subjuntivo.

Vimos que o verbo *pedir* também constitui uma exceção entre os verbos de terceira conjugação, já que não passa por harmonização vocálica e, para ele, é esperado um comportamento de acordo com o padrão fonotático em (4b), que diz que a forma flexionada de primeira pessoa do presente do indicativo deve ser *peço*. No entanto, em (9a), o falante produz um lapso ao realizar a forma *pedo*. De acordo com a nossa proposta, ele opta pelo padrão mais produtivo e mais regular do paradigma dos verbos de terceira conjugação, escolhendo o IV em (8b), entre as possibilidades existentes.

Resta ainda a necessidade de explicar a não ocorrência de harmonia vocálica nesse caso: a forma resultante é *pedo*, não *pido*. Nossa sugestão para dar conta da ocorrência das formas *mido* e *pido*, bem como da forma *pedo*, entre os casos de lapsos que envolvem formas de 1.sg.Pres.Ind. de verbos de terceira conjugação é a seguinte:

- a) Nos três casos, o falante produz o lapso guiado por questões de produtividade: duas formas bem pouco produtivas — *meço* e *peço* — são substituídas por formas que seguem um padrão mais produtivo — *mido*, *pido* e *pedo*. Isso ocorre mesmo que essas formas componham, no contexto mais amplo do sistema do português, um paradigma menos produtivo — a terceira conjugação verbal. Dentro desse paradigma, há um padrão de harmonização seguido em mais de 90% dos casos, e esse alto índice de produtividade interfere na produção do lapso.
- b) Nas formas *mido* e *pido*, as vogais alvo da elevação estão na raiz do verbo e o segmento gatilho para a realização do fenômeno [i] está no sufixo flexional, que indica a classe ou conjugação do verbo. Diante do contexto adequado, a vogal alvo pode se harmonizar com a vogal temática.
- c) A forma *pedo*, por sua vez, embora tenha características semelhantes às formas *mido* e *pido*, se coloca entre os mais de 50% dos casos em que não ocorre harmonia vocálica no contexto dos verbos de terceira conjugação, constituindo, assim, um caso de variação entre formas de lapso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, investigamos a influência da produtividade de regras gramaticais na ocorrência de lapsos de fala do PB, que envolvem características fonológicas, morfológicas e gramaticais. A partir dos lapsos como *mido*, *pido* e *pedo*, produzidos em lugar de *meço* e *peço* para as formas de 1.sg.Pres.Ind. de *medir* e *pedir*, respectivamente, foi possível sugerir que a forma dos lapsos reflete a tentativa do falante de empregar as formas mais produtivas do paradigma de terceira conjugação da língua.

As formas *mido* e *pido* revelaram que, no lapso, o falante reproduz o comportamento da grande maioria dos verbos de terceira conjugação, de padrão *e/o-ir* (SCHWINDT; QUADROS, 2009) na 1.sg.Pres.Ind.; são formas que realizam raiz do verbo com a mesma fonologia prevista para a realização da forma infinitiva do verbo, além de harmonização vocálica.

A forma *pedo*, por sua vez, revela processo semelhante, sem a ocorrência de harmonia vocálica, sugerindo a ocorrência de variação também na produção do lapso.

A análise que propusemos aqui decorre dos pressupostos do modelo da MD, que fundamenta esta pesquisa. Por força dos paradigmas de presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos *medir* e *pedir* no português, precisamos admitir a ocorrência de alomorfa de raízes para esses verbos, representadas pelos IVs (7a,b), para $\sqrt{\text{MED}}$ (*medir*), e (8a,b), para $\sqrt{\text{PED}}$ (*pedir*). O lapso acontece quando o falante não seleciona (7a) ou (8a), para as formas relevantes, mas (7b) ou (8b). Essa hipótese implica a posterior harmonização da vogal do radical.

REFERÊNCIAS

- BERKO, J. The Child's Learning of English Morphology. *Word*, v. 14, p. 150-177, 1958.
- CHOMSKY, N. *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press, 1980.
- DELL, G. S.; REICH, P. A. Slips of the tongue: The facts and a stratificational model. In: COPE-LAND, J. E.; DAVIS, P. W. (ed.) *Papers in cognitive-stratificational linguistics*. Houston: Rice University Studies, v. 66, n. 2, p. 19-34, 1980.
- ESPADARO, Mayara. *Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da Morfologia Distribuída*. 2018, 183 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- FROMKIN, V. A. The non-anomalous nature of anomalous utterances. *Language*, v. 47, p. 27-52, 1971.
- FROMKIN, V. A. The non-anomalous nature of anomalous utterances. In: FROMKIN, V. A. (ed.) *Introduction. Speech Error as Linguistic Evidence*. The Hague: Mouton, 1973.
- GARCIA, G. D.; QUADROS, E. S.; SCHNEIDER, A.; SCHWINDT, L. C. A Harmonia Vocálica em Verbos de 2ª e 3ª Conjugações no Português Brasileiro. *7º Encontro do CELSUL, 2006, Pelotas. Anais do 7º Encontro do CELSUL*, Pelotas: EDUCAT, 2008.
- HALLE, M. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, p. 3-16, 1973.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor Of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-17.
- HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, v. 40, n. 3/4, p. 225-276, 2014.
- PFAU, R. *Grammar as processor: a distributed morphology account of spontaneous speech errors*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2009.
- SCHER, A. P.; GIRARDI, G. Y. Defectividade como uma janela para a arquitetura da gramática: formas verbais inefáveis do português. *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, v. 4, n. 2, p. 14-30, 2020.
- SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. Harmonia vocálica variável no Sistema verbal do português do Brasil. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, n. 36 p. 73-81, 2004.
- SCHWINDT, L. C.; QUADROS, E. S. A harmonia vocálica verbal no léxico dicionarizado do PB. *Letrônica*, v. 2, n. 2, p. 58-70, dezembro 2009.
- SILVA, M. C. F.; MEDEIROS, A. B. *Para conhecer morfologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- YANG, Charles. *The Price of Linguistic Productivity. How Children Learn to Break the Rules of Languages*, Cambridge: MIT Press, 2016. 274 p.

Artigo recebido em 15 de setembro de 2020.

Artigo aceito em 9 de junho de 2021.